

# Congresso tem que votar

*nacional*

**N**ão adianta esperar nem discutir: a convocação extraordinária do Congresso está consumada; Collor utilizou prerrogativa constitucional inquestionável e, daqui por diante, o que cabe especular é como se comportarão parlamentares em final de legislatura abaixo da crítica diante do desafio, aliás muito bem remunerado, de interromper o ócio, comparecer a Brasília e votar as medidas provisórias que determinaram a suspensão do recesso em final de mandato.

O Congresso só tem uma saída decorosa que é votar, isto é, justificar a convocação extraordinária, votando as quatro medidas provisórias, seja através da decisão do plenário, mobilizado e atuante, ou pela escápula do acordo de liderança.

Tudo o mais é secundário e só ascenderá a tema de exame sério se o Congresso, como instituição, superar a insinuada acomodação dos 60% de senadores e deputados que não se reelegeram e, com a alma ensopada de vinagre, apegam-se em desculpas para justificar o desapreço crônico pela dignidade do mandato.

Uma vez que o Congresso, com os brios postos à prova, cumpra o dever primário de votar, a discussão sobre o restante pode ser aprofundada, inclusive com a avaliação da proposta de Jarbas Vasconcelos de reunião de lideranças nacionais para análise da crise e de suas possíveis soluções.

A falta comprovada de quórum e mais o insucesso da meia-sola da decisão pelo voto de lideranças cobrirá o Congresso de ridículo, agravando a preocupante desmoralização apurada nos índices das pesquisas que denunciam perigoso desprezo da opinião pública.

É bom que a advertência seja explicitada com todas as letras. Nada salva o Congresso da mais desqualificante repulsa se a sessão extraordinária repetir os flagrantes de plenário vazio, da falta de número, do voto impossível pela ausência dos votantes com os bolsos recheados de cruzeiros inflacionados.

Estabelecida a premissa, vamos em frente. Sempre previsível no seu estilo destemperado, o presidente Collor de Mello decidiu pela convocação em ato solitário, apenas dissimulado na formalidade de consultas a assessores treinados concordar, vergando a cabeça.

Ora, o presidente acabou imprensado pelas circunstâncias armadas, em boa parte, pelo próprio Congresso na sua fase mais badalada, quando funcionou como Constituinte.

Claro que se o governo contasse com a solidariedade e o apoio de partido respeitável, escorado em representação parlamentar que se desse ao respeito, seria impensável o chorilho das medidas provisórias e, em consequência, convocação extraordinária de Congresso seco como bagaço, que já deu tudo que tinha — e foi muito pouco —, agonizante nos dias derradeiros de mandato tão mal exercido, com legitimidade de fato vulnerada pela eleição dos novos parlamentares, que comporão o Legislativo a instalar-se a 1º de fevereiro.

Mas, é a tal coisa. As singularidades da eleição de Collor reposam no fracasso dos grandes partidos e, em especial do PMDB e do seu desafortu-



nado candidato, deputado Ulysses Guimarães.

Medidas provisórias chovem, copiosas, sobre o côncavo e o convexo do Congresso simplesmente por conta da imprevidência da Constituinte que municiou o presidente da República de arma mortífera do arsenal do parlamentarismo e da malandragem do Congresso que não encontrou tempo para aprovar sua regulamentação restritiva, proposta em projeto minucioso do competente deputado Nélson Jobim e por outros deputados.

Preso por ter cão; encanado por estar com canil desativado: se não reedita, com a conhecida volúpia legislativa, a medida provisória que contém os salários ali no arrocho, o governo seria acusado de deixar os trabalhadores sem uma política salarial. A edição de medida provisória impõe a automática convocação extraordinária do Congresso.

Na verdade, o que está faltando é diálogo entre o presidente e o Congresso. O governo não cultiva o entendimento nem dispõe de correligionários de fé, solidários pela convivência fraterna e pela comunhão de interesses. As fórmulas de composição política, articuladas na permanente troca de informações, podem antecipar situações extremas pela previsão das dificuldades e o encontro de alternativas. Cada um trancafiado no seu canto, no amuo de desafetos, presidente e Congresso não se entendem e vivem às turmas, trocando farpas na cobrança recíproca de omissões e erros. Cada qual torcendo pelo insucesso do outro.

Pois o Congresso espremido contra o muro, atônito com a sobrecarga da convocação extraordinária na descontração das férias que deveriam engolir os dias finais do mandato, está paralisando as suas raras e dispersas lideranças e falhando na crítica e na fiscalização de governo, no momento em que ele abre a guarda e se expõe, de corpo inteiro, no flagrante da contradição.

Poucos episódios terão desgastado tanto a imagem do governo do que o surto exibicionista do reveillon de Angra dos Reis. Francamente, mas não dá para aliviar a mão. Presidente de 41 anos, com saudável tara por esporte, tem todo o direito de exercitar-se nas suas folgas, cultivando múltiplas atividades de decatleta. Não precisava exagerar na ostentatória fruição milionária de iates de amigos nem expor-se em lazeres de ricaços.

Curioso como o governo tão entusiasmado na casca, de repente descobre velhas e prestimosas amizades. Collor identifica amigo de infância no empresário Alcides Diniz, ex-sócio da rede de Supermercados Pão de Açúcar. Nas águas transparentes da Baía de Jacuecanga, dona Zélia Cardoso de Mello relaxa tensões e matuta sobre a temosia da inflação ascendente como hóspede, por dez dias, da paradisíaca mansão de Eugênio Staub, embalada pelos sons estereofônicos da Gradiante, iguais ao de Lula e que tanta inveja suscitaram ao presidente Collor. E, para não ficar atrás na parada de prestígio, o Ibrahim Eris e a noiva curtem o repouso abrigados na fantástica casa de praia do marchand Frederico Séves.

Não há dúvida de que quem pode, sabe escolher amigos e selecionar hóspedes. E que o governo, envolvido na doce confraternização do fim de ano, concedeu feriado a austeridade. Que diabo, ninguém é de ferro e amigo é para essas coisas. Amigo de governo, bem entendido.